



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.1.154-173>



Imagens do feminino: uma análise sob a perspectiva da história das mulheres e do livro didático como história pública

Daiane Dala Zen, Mestre em História (PPGHIS), Doutoranda em Educação, pela Universidade de Caxias do Sul – UCS, Membro da coordenação do GT Estudos de Gênero da ANPUH RS, Professora da Rede Pública Municipal de Flores da Cunha, daidalazen@gmail.com

Resumo: O objetivo é analisar a representação do feminino em fotografias selecionadas a partir de livros didáticos de história, que abordem o tema da história da primeira metade do século XX. A metodologia tem como base a leitura de imagens proposta por Barbosa (2006), na perspectiva da história cultural e nas contribuições de Scott (1994), Burke (2004) e Chartier (2014). A pesquisa fundamenta-se em apontamentos teóricos sobre o livro didático, as imagens selecionadas, as questões de gênero e a história das mulheres, compreendendo o livro didático como um produto da história pública, em sua dimensão de divulgação histórica e ensino. Os resultados apontam para a importância da exploração das imagens por professores/as e estudantes, conduzindo a reflexões sobre a mulher e sua história. Conclui também que essas fotografias, revelam a presença das mulheres na história, mas evidenciando sua fragilidade, passividade e submissão, ao lado ou atrás de um homem.

Palavras-chave: imagens do feminino, livro didático, ensino de história, história pública.

Images of the feminine: an analysis from the perspective of women's History and the textbook as public History

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the representation of the feminine in selected photographs from Brazilian history textbooks, which approach the first half of the 20th century. The methodology is based on the image reading such as it is proposed by Barbosa (2006), from the cultural history perspective, and contributions by Scott (1994), Burke (2004), and Chartier (2014). This research is fundamental on theoretical points of view about textbooks and the selected images on genre issues and women's History. Results suggest a possible exploration of the pictures by teachers and students, conducting them to reflections about women's History. The study also concludes that these photographs reveal women's presence in History, but evincing their fragility, passivity, and submission, standing beside or behind a man.

Keywords: images of the feminine, history textbooks, history teaching.

Submissão: 2021-03-17 Aprovação: 2021-06-15. Publicação: 2021-06-15.

Introdução

Este artigo sugere ao/a professor/a de história uma estratégia pedagógica para a leitura de imagens que representam o feminino, levando em conta que os livros didáticos são formas de publicização da história, uma das dimensões da História Pública. O objetivo é analisar a representação do feminino em fotografias selecionadas a partir de livros didáticos de história, que abordem o tema da história da primeira metade do século XX (nono ano do Ensino Fundamental), tendo em vista que essas representações são fruto da escolha dos autores/as dos LDs do presente e que trazem, em sua seleção, intencionalidades que promovem mensagens sobre a história – em especial relativas às mulheres – ao público escolar. A metodologia de análise das imagens encontradas nos livros pode potencializar discussões sobre a história das mulheres e seus protagonismos, contribuindo para uma concepção de história pública que visa ampliar narrativas históricas, debates e audiências participativas relativas a sujeitos e sujeitas silenciadas – ou secundarizadas – nos discursos históricos presente, nesse caso, no livro didático. Os aportes teóricos que sustentam esta reflexão são os pressupostos da história cultural, das relações de gênero e da história das mulheres, sob a perspectiva, também, da história pública e do ensino de história.

Como afirma Márcia Elisa T. Ramos (2018), o livro didático, entre outros meios de divulgação, é um produto da História Pública que, mais do que transpor conhecimento, é um veículo de intervenção nas ideias históricas que circulam na escola e nos modos como os agentes fazem seu uso na sala de aula:

o livro didático é considerado produto da História Pública, ou seja, não confeccionado, necessariamente, pelos professores universitários, mas, também, é um objeto a ser (re)pensado para que seja um veículo de intervenção na aprendizagem histórica, ou seja, na História Pública, o que deveria requerer um tipo de expertise adequado a esta intencionalidade. (RAMOS, 2018, p.223).

Desta forma, analisar fotografias em diferentes livros didáticos significa uma maneira de intervenção importante, não apenas como ilustração ou divulgação de imagens, mas como uma possibilidade de mediação realizada por professores em sala de aula, como orientação e estímulo a entendê-las como fontes históricas e como provocação para que outros saberes que circulam na escola possam contribuir para dar sentido a elas. Inicialmente, foi necessário selecionar fotos pertencentes às coleções previamente escolhidas pelos/as professores/as da

rede municipal de um município da Serra Gaúcha. Trata-se de livros usados para turmas no 8º e 9º anos da disciplina de História do Ensino Fundamental — cujos conteúdos abordam dois assuntos referentes ao mesmo espaço temporal, de 1910 a 1950, ou seja, tratam da história do Brasil no contexto da História Contemporânea. Assim, as imagens que selecionei estão presentes nas coleções *Nova História Crítica*, da Editora Nova Geração de 2004, *História Temática*, da Editora Scipione de 2010 e a coleção *Vontade de Saber História* da Editora FTD de 2012. Esse recorte, portanto, favorece a percepção de rupturas e permanências durante a construção do texto didático desde 2004 a 2012. A lista das imagens selecionadas para análise inclui sete itens: 1) Família do Coronel Donnel; 2) Maria Bonita, Lampião e o Cangaco; 3) Maria Bonita com Lampião; 4) Posse de Getúlio Vargas; 5) Olga Benário Prestes; 6) Mulheres e crianças judias; 7) Mulheres telefonistas.

Concebo que o ensino da História no campo de análise de Jorn Rüssen como consciência histórica levando em conta os limites que a disciplina tem e as formas de aprender, a utilização de imagens no ensino da História podem nortear inúmeras reflexões e sentidos, tornando a experiência parte do processo de formação da consciência histórica.

O livro didático (para o qual doravante utilizo a sigla LD) é uma importante ferramenta utilizada por professores/as na educação básica, em todos os componentes curriculares, para divulgar a história e elaborar novos conhecimentos. Nas aulas de história podemos dar uma atenção especial às imagens que compõem esses manuais. Considerando a perspectiva da história das mulheres e explorando as representações do feminino nos LDs, podemos tecer juntamente ao conjunto de estudantes várias relações advindas dessas imagens. Desse modo, abrimos a oportunidade de ressignificar a participação das mulheres em uma nova teia histórica, antes negada e silenciada através dos tempos contribuindo para uma história pública sob um olhar não mais exclusivamente masculino.

O artigo está organizado em quatro subtítulos: O livro didático na disciplina de história, Imagens e representações no LD e As imagens do feminino no LD em que procuro fazer uma análise do LD das coleções que estudei, bem como pensar nas imagens e representações do feminino que esses livros trazem e finalmente, apresento uma análise das fotografias sob a perspectiva da história das mulheres e do livro didático como produto da história pública (RAMOS, 2018), que também pode ser um material para outros/as professores/as.

O livro didático na disciplina de história

O LD pode ser uma ferramenta muito útil no dia a dia da sala de aula de história. No entanto, convém que esse material proporcione aproximação entre a realidade escolar, a do/a estudante, e a da pesquisa acadêmica, de forma a promover a produção de sentido a partir dos conteúdos abordados, vislumbrando o desenvolvimento da cidadania. Sendo assim, é importante que a escolha das imagens siga critérios definidos pelos docentes, possibilitando a identificação e a compreensão do contexto histórico, pois o LD é, muitas vezes, o único objeto cultural de leitura do qual os/as estudantes dispõem, é um objeto que estimula a compreensão de si como sujeito construindo, compreendendo e interpretando narrativas críticas do passado a partir do presente.

De acordo com Munakata (2007), o LD é um produto cultural similar aos meios de comunicação em massa e responsável pela construção de um consenso cultural. A sua análise implica o detalhamento dos seus processos de produção. No entanto, como fonte de pesquisa histórica, o LD é recente. Por isso, é importante levar em conta o ponto de vista do pesquisador sobre esse objeto que se insere em várias categorias de signos, das quais se destacam: “textos escritos, iconografias informativas, ícones, boxes, infográficos e uma gama de elementos visuais” (BUENO, 2011, p. 23).

O LD tem um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. Ele é, muitas vezes, o único recurso utilizado pelos professores em sala de aula e reconhecidamente apresenta várias possibilidades de usos e interpretações, como pondera Xerri:

O livro didático tem merecido atenção especial de pesquisadores tanto no ensino, como na história da educação. Estudos que se caracterizam por interesse diversos mas que contribuem para reflexões e problematizam suas funções e usos, uma vez que são ao mesmo tempo fontes de pesquisa e instrumentos didáticos, portanto, a percepção avança além de uma crítica ao conteúdo e ao autor, mas possibilita associar a inúmeros objetivos, pois é um elemento difusor amplamente utilizado no ensino brasileiro. (XERRI, 2015, p. 05).

O LD é um produto ideológico que apresenta o conhecimento oficial para a elaboração de um saber legítimo e verdadeiro que perpassa as questões da vida em sociedade. Esse produto reafirma uma tradição e projeta uma imagem dessa sociedade. Nesse processo, o/a estudante é o/a maior prejudicado/a, mesmo sendo ele o centro de toda a problemática que envolve várias facetas como editoração, avaliação e escolha do LD. Isso ocorre porque esses materiais por vezes falham em abordar questões importantes da historiografia, por exemplo, conceitos fundamentais que permitam reflexão e crítica. Entende-se que esse seja

o papel indispensável do componente curricular da história. Portanto, há questões que deveriam ser priorizadas na vida e na formação dos/as estudantes, como "versões fabricadas, história mal contadas, belas mentiras" (MUNAKATA, 1997, p. 20).

Objeto de estudo de diversos campos do conhecimento, o LD repleto de imagens e representações tem instigado pesquisadores a investigarem o processo de apropriação desses elementos. Isso é especialmente proveitoso quando se trabalha com o LD nas aulas de história. Sabe-se que a maneira pela qual estudantes se apropriam dos conteúdos foge à intenção dos autores e editores de LD no que se refere às imagens, principalmente. Cada estudante tem suas próprias lentes de percepção da realidade, existem campos de investigação quem vem trabalhando com essa percepção através de pressupostos teóricos para mapear e analisar as percepções dos/as estudantes a fim de entender as necessidades que aparecem nas informações que podem auxiliar na elaboração das aulas e demais materiais didáticos estimulando assim o diálogo e a recepção. Assim:

O foco em práticas coletivas que conferiam autoridade a obras impressas inscreve a história da "cultura da impressão" dentro do paradigma que governa a nova história das ciências. Essa história, como se sabe, privilegia três coisas: negociações que estabelecem as condições para a replicação de experimentos, permitindo assim a comparação ou acumulação de seus resultados. (CHARTIER, 2014, 116).

Os/As autores/as dos LDs atendem recomendações das editoras e as políticas /orientações curriculares, em um processo de elaboração que é complexo e multifacetado, expondo uma rede de conexão que se estende até as políticas públicas de distribuição. Essas negociações resultam nas condições para a replicação de algumas coleções.

Imagens e representações no LD

O uso de imagens nas aulas de história pode potencializar tanto as discussões sobre determinados temas como as diferentes leituras e interpretações quando o/a professor/a se propõe a estimular a participação dos/as estudantes. São abundantes as possibilidades de atividades envolvendo imagens, podendo gerar interessantes e divertidas práticas didáticas nas aulas de história. Isso também pode se expandir às demais áreas do conhecimento.

Esta pesquisa se ocupa exclusivamente com a categoria imagens do feminino. Essas imagens, no entanto, precisam ser compreendidas dentro de um contexto como propõe Bueno:

Esses elementos possuem uma estrutura organizacional gráfica, e estabelecem um determinado tipo de composição tipográfica e cromática. Além disso, os livros didáticos podem apresentar diferentes componentes visuais que servem para organizar, indicar tipos de atividade ou decorar (enfeitar) as páginas dos livros. (BUENO, 2011, p. 23).

Imagens são, portanto, “portadoras de representação e discurso, pois são fruto da ação humana, que interpreta e recria o mundo como representação” (RAMOS, 2008, p. 18). Dessa forma, vale um alerta sobre as possíveis armadilhas nas quais podemos cair ao trabalhar com imagens:

Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar em mensagem própria, mas historiadores não raramente ignoram essa mensagem a fim de ler as pinturas nas “entrelinhas” e aprender algo que os artistas desconheciam estar ensinando. Há perigos evidentes nesse procedimento. Para utilizar a evidência de imagem de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fontes, estar consciente das suas fragilidades. (BURKE, 2004, p. 18).

Ainda segundo Burke (2004, p. 17), “imagens, textos escritos e testemunhos orais são uma importante evidência histórica”. A partir desse conceito, as imagens abrangem as fotografias, as obras de arte, as pinturas e as esculturas utilizadas como representações dos conteúdos disponíveis no LD. As imagens podem ser percebidas como um suporte sógnico, isto é, carregado de significados, conforme os postulados da semiótica, como salienta Meneses:

Privilegiando o significado das imagens, a iconografia compartilha com a semiótica, cuja voga é um pouco posterior (e que teve menos impacto), uma reação explícita e consistente contra o puro formalismo que vigia na história da arte na virada do século XIX para o XX. (MENESES, 2012, p. 244).

Em concordância com Viana (2013), os livros didáticos, atualmente, trazem muitas imagens com qualidade. Entretanto, Zen (2013) defende que essas imagens não vêm acompanhadas de instruções de uso pelos estudantes. A leitura de imagens, portanto, é livre, fugindo do controle e do direcionamento. Por isso, há a necessidade de refletir sobre ela.

No que diz respeito a imagens e a representações contidas em LD, Carvalho (2015) faz uma leitura da representação da mulher negra. Sua análise dos livros didáticos do PNLD, utilizados no Ensino Fundamental, na Paraíba, esclarece que as imagens são escolhidas conforme os interesses governamentais e mercadológicos, a fim de reforçar ou combater preconceitos étnico-raciais e de gênero. Ainda, Estacheski (2016) reforça as aparições da

mulher no livro didático como pessoa presa a superficialidades e afazeres cotidianos, reduzindo-a ao seu papel no privado. Consequentemente, nos LDs analisados há consideráveis silenciamentos sobre as mulheres negras na sociedade brasileira.

A sala de aula, no início do século XXI, segundo Soares e Luchese (2015), é um espaço onde os alunos estão organizados em filas para que possam enxergar o/a professor/a que fica à frente. Cabe a cada estudante acompanhar o que o/a professor/a fala e os recursos que utiliza para a tarefa de ensinar. Conversas entre estudantes não são bem-vindas, indicam falta de atenção, apesar de algumas práticas pedagógicas tentarem estimular os/as estudantes a pensar e a discutir. Os moldes dessa cultura de ordem e hierarquia ainda são costumeiros e não contemplam todas as demandas que a educação solicita, como o respeito à necessidade de cada um/uma. No entanto, a escola é um espaço político e pedagógico que constrói sentidos e relações de socialização. Esse espaço é definido pelo discurso da diferença: “A escola, por sua vez, é um dos espaços do ‘ser mulher’ é ‘ser homem’. Essas concepções são assentadas em um discurso da diferença – biológica, corporal, cultural – e se expressam cotidianamente através da linguagem e de práticas.” (MÉNDEZ, 2017, p. 201).

Nesse sentido, ao trabalhar com imagens pode colaborar com uma formação integral e interdisciplinar, considerando que o seu estudo seja uma boa estratégia para atrair a atenção e aguçar a curiosidade dos/as estudantes e, mais do que isso, abrir espaço para a interação, a escuta de suas experiências e sobre o entendimento sobre o passado. Assim, as aulas se tornariam mais interessantes e participativas, já que contemplariam as múltiplas interpretações surgidas do debate. Dessa forma, utilizar também o interesse dos/as estudantes por tudo que seja linguagem não verbal, visto que está habituado ao bombardeamento desse tipo de texto proveniente do mundo contemporâneo. Essa provocação da curiosidade da reflexão sobre a história vem ao encontro do que nos alerta Paulo Freire:

Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em consequência, a do educador. É que o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade de educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade. (FREIRE, 2010, p. 84).

Os/as professores de história dispõem desse recurso estratégico, já que os livros didáticos desse componente possuem considerável número de imagens, com destaque para as fotografias, as quais são inseridas no texto escrito, com o objetivo de ilustrar o conteúdo. Sobre isso, considero o seguinte conceito:

A fotografia pode ser um momento no tempo e no espaço. O testemunho de uma presença diante de algo que foi. Ela pode ser um flagrante de um olhar sobre outro como nas fotografias etnográficas de fins do século XIX. Um olhar opaco e exotizador. Ela também pode ser um testemunho histórico. (BARBOSA, 2006, p. 191).

É fundamental que o pesquisador (e também o professor) entenda as múltiplas variáveis que definem a natureza da imagem e seus vários desdobramentos nas diversas áreas do conhecimento. No entanto, “na escola, poucos docentes se utilizam da imagem e o texto escrito ainda predomina no ensino da História” (BARROS, 2007, p. 43). A pesquisa acadêmica da historiografia com imagens está muito distante do ensino de história, mesmo apresentando novas perspectivas que possam aprimorar a prática pedagógica e interessar aos estudantes.

Assim, a imagem pode intencional, construir ou influenciar opiniões, credos, ideias e pensamentos e também remodelar paradigmas. Por isso, Viana (2013) argumenta que ver é diferente de ler imagem e também é diferente de interpretar, considerando que o ato de interpretar a imagem acontece na mente do sujeito que a lê. Viana, mais uma vez, ressalta que ler imagem significa interpretar e refletir sobre o que se está vendo e que implica o sentir.

As imagens do feminino no LD

A escrita sobre a história das mulheres no LD ainda é tímida e superficial, restrita, na maior parte das vezes, ao espaço privado do lar. Nas coleções analisadas para esta pesquisa, foi feita uma simples contagem de imagens que representassem o feminino. Então, pude constatar que os LDs do *corpus* documental da pesquisa trouxeram diversos silenciamentos quanto às imagens do feminino. Este dado já havia sido apresentado em um estudo sobre representação do feminino nos LDs de história, por Insaurriaga (2015, p. 124): “Em todos os livros analisados o espaço para o feminino e suas relações de gênero é extremamente reduzido. Os textos quase não mencionam as mulheres e sua relação em sociedade, quando a mencionam de forma breve e pontual”.

Para Chartier (2014, p. 17), toda forma que lembre ou faça menção a algo é uma representação. Desse modo, os LDs trazem diversas representações do masculino vinculadas a grandes feitos na história e a grandes líderes, mas silenciam quando tratam de representações do feminino. Nas fotografias incluídas em LDs é comum o feminino ser representado ao lado de homens, como presidentes e outras personalidades. São raras,

porém, as imagens que trazem a mulher desempenhando seu papel nas fábricas, por exemplo, durante a Primeira Guerra Mundial foi uma realidade. Essa teria sido uma oportunidade de representá-la fora do espaço privado do lar. Insaurregiaga e Jardim (2015) investigaram as relações de gênero e a luta das mulheres em LDs de história e constataram que, em muitos deles, o espaço para o feminino e para as relações de gênero é reduzido, enquanto os textos mencionam as mulheres de forma parcial. Assim:

mesmo quando trocamos de livros percebemos o feminino sempre ou quase sempre ligado à virgem, ao casamento, a heroína, e, em alguns casos, estão associadas à arte, onde aparecem representadas em quadros ou esculturas. Outro detalhe interessante é que essas mulheres raramente estão sozinhas nas imagens, aparecem sempre acompanhadas de seus esposos, pais ou irmão. (INSAURRIAGA, 2015, p. 124).

Nas décadas seguintes, até a atualidade, a mulher vem sendo representada de forma que lembra mais um produto do que um ser humano, trazendo um arcaísmo de frivolidades. Todos esses indícios, constatados numa primeira análise dos LDs, reforçam “uma espécie de bruma que ofusca a reflexão teórica na história escolar. Esse cenário é preocupante, considerando que uma das principais competências do professor de história é construir mediações entre o conhecimento acadêmico e o escolar”. (MÉNDEZ, 2017, p. 200).

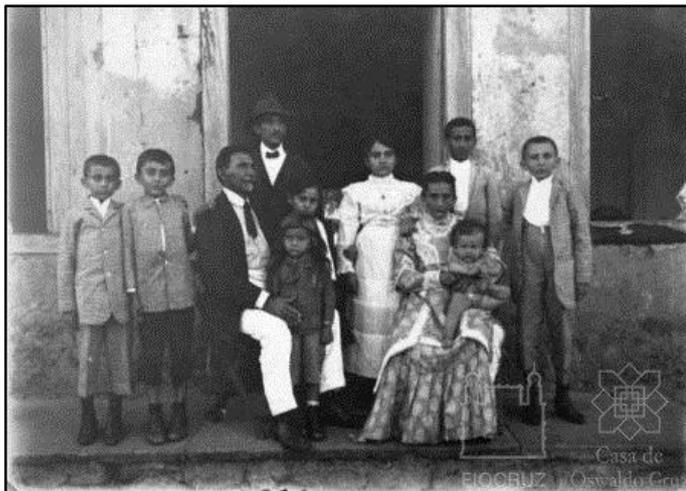
Análise das fotografias sob a perspectiva da história das mulheres

Existem algumas características que foram constituídas como naturalizadas e próprias, exclusivamente, do feminino: a delicadeza, o cuidado, a fragilidade. Ao analisar as fotografias, esses atributos aparecem nas legendas. Bourdieu reforça que essa naturalização se dá pela lógica masculina ou androcêntrica. Nas palavras dele:

toda a ordem natural e social é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão do trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho. (BOURDIEU, 2012, p. 33).

A seguir, a descrição e análise de sete fotografias está embasada nos fundamentos recém discutidos. A figura 1, abaixo, corresponde a uma foto de família incluída na página 43 do LD *Nova História Crítica*. Nela observam-se sete homens, sendo dois adultos e cinco crianças, quatro mulheres, uma delas adulta, e duas crianças meninas. A imagem data do ano de 1912 e retrata a hierarquia familiar rural do Brasil da primeira metade do século XX.

Fotografia 1 – Família do Coronel Donnel



Fonte: Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Belisário Augusto de Oliveira Penna (1868-1939). Coronel O'Donnel e família em Parnaçuá (PI). Disponível em: <https://bit.ly/3ib8PU4> (Acesso em 05 Ago 2020)

Nota-se que a família está composta por pessoas brancas e está localizada na parte superior da página da direita do LD. A foto é de 1912 e foi feita na frente de uma moradia com grandes portas e janelas. O pai está sentado à direita, à sua esquerda está a mulher/mãe, segurando uma criança de colo. No segundo plano estão os filhos, à direita do pai, dois meninos menores, atrás do pai, um filho adulto; entre a mãe e o pai, uma filha grande. No colo do pai e entre o irmão mais velho, há duas crianças, uma menina jovem e um menino também jovem. O pai tem um menino de pé, entre suas pernas. Uma das mulheres está sentada (mãe) e segura um bebê e as outras estão de pé, entre a mãe e o pai.

As mulheres tinham seu papel bem definido: manter a família unida e cuidar do espaço privado a elas destinado. A legenda que acompanha a imagem é:

Família do Coronel Donnel, em Paranaçuá, cidadezinha do Piauí, em 1912. Repare-se que a casa atrás é grande, mas deteriorada. As roupas estão boas. Muitos coronéis, especialmente no Nordeste, não eram ricos. Seu poder vinha da propriedade de terra e das ligações políticas com os governadores, com os quais trocavam favores. (LD *Nova História Crítica*, 2004 p.43).

As vestimentas apresentam características sociais: homens adultos e meninos usam calças e casacos. As mulheres usam vestidos com detalhes em renda. A indumentária revela um certo poder da família e, como diz a legenda, a moradia está deteriorada. O lugar dos

homens e dos meninos recebe destaque na fotografia, pois estão ladeando os pais e o irmão mais jovem. O zelo e o cuidado com as filhas também estão explícitos.

Os dois homens adultos usam gravata e camisa branca. As meninas usam camisa branca e as mulheres vestidos longos e cabelos presos. As gravatas e as camisas brancas embaixo dos casacos mostram o poder da família retratada. As mulheres, em traje longo, estão associadas à maternidade e ao cuidado. Há conceitos que podem ser explorados com o uso didático desta imagem em situação de aula. Por exemplo, a fotografia permite evidenciar elementos que configuram noções de família tradicional, de maternidade, de coronelismo, de criação de meninos e meninas.

A fotografia 2, abaixo, também é uma foto de família, pois retrata um casal muito conhecido, Maria Bonita e Lampião. A fotografia foi incluída na página 103 da Coleção *História Temática: terra e propriedade*. Na imagem, pode-se perceber uma mulher sentada, um homem de pé e dois cachorros.

Fotografia 2 – Maria Bonita, Lampião e o Cangaço.



Fonte: Benjamin Abrahão Botto, Public domain, Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bit.ly/30spXig> (Acesso em 05 Ago 2020)

Intitulada “No Sertão, o cangaço” e localizada na página da direita do LD — num texto à parte do capítulo, em cor diferente — a representação de Maria Bonita, na fotografia

2 acima, denota uma mulher jovem. O homem, Lampião, carrega um jornal com a imagem de uma mulher. A cena se passa ao ar livre. Há dois cachorros, um em cada lado da mulher.

Maria Bonita está sentada com as pernas cruzadas numa cadeira, sua expressão é de seriedade, seu rosto está levemente inclinado para Lampião (à sua esquerda), o braço esquerdo está em cima do cachorro (também à sua esquerda). As vestimentas são: vestido com mangas compridas, saia com comprimento um pouco abaixo do joelho, cabelo preso com dois enfeites ou flores. Ela pertence ao grupo que tinha acesso a vestimentas da época. Isso pode ser explicado porque ela era a esposa do cangaceiro. A legenda é muito sucinta: “Lampião, o ‘rei do cangaço’, e sua companheira, Maria Bonita”.

Para Bourdieu (2012), há uma postura de submissão que a construção social e histórica da sociedade impõe. No caso da pesquisa do autor, trata-se das mulheres cabilas, relativo a quem habita a Cabília. Acredita-se que essa definição cabe atualmente, pois algumas peças do vestuário simbolizam submissão.

Essa espécie de confinamento simbólico é praticamente assegurado por suas roupas (o que é algo mais evidente ainda em épocas mais antigas) e tem por efeito não só dissimular o corpo, chamá-lo continuamente à ordem (tendo a saia uma função semelhante à sotaina dos padres) sem precisar de nada para prescrever ou proibir explicitamente. (BORDIEU, 2012, p. 39).

Há, portanto, um jogo, um plano naturalizado para que as mulheres sejam educadas em um sistema de regras. Para que sejam aceitas e respeitadas, elas precisam seguir certos cuidados, como a discricção na apresentação do corpo. “A conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas, que dissimulam suas formas com códigos”. (PERROT, 2003, p.15).

A fotografia 3, abaixo, foi inserida na parte superior da página da esquerda do LD. Nela estão nove homens e uma mulher. É um grupo de pessoas armadas.

No centro da imagem acima, Maria Bonita está posando ao lado de Lampião, líder cangaceiro. Todos posam para a foto ao ar livre, próximos de pequenas árvores. As armas estão em posição de descanso. Com um olhar de altivez e poder, Maria Bonita apoia-se numa espingarda. Ela usa vestido simples até os joelhos, calça sandálias, usa chapéu. É uma mulher branca e seu olhar é desafiador. Está séria.

Fotografia 3 – Maria Bonita com Lampião



Fonte: Coleção Instituto Moreira Salles. Lampião, Maria Bonita, o fotógrafo Benjamin Abrahão e outros cangaceiros. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/5245> (Acesso em 15 jun. 2021)

Na legenda da imagem, nota-se que o editor tomou o cuidado de nomear a mulher, porém não definiu o grau de parentesco que ela tem com o líder do bando.

Lampião e Maria Bonita à frente de seu bando de cangaceiros. Bandido ou herói? Na época aterrorizava fazendeiros e cidadezinhas do interior do Nordeste. Mas, para muitos ficou como ‘justiceiro da caatinga’. Teria sido mesmo? Até que ponto ele não esteve plenamente integrado à violenta disputa entre as famílias rivais dos coronéis? Seu jeito de agir não era o modo possível de não se sujeitar completamente? (LD Nova História Crítica, 2004, p. 56).

Embora, ao fazê-lo, tenha trazido outras informações também importantes para os(as) estudantes, há que se notar que o editor ignorou o papel que essa mulher desempenhou no grupo. Afinal, depois de Maria Bonita, outras mulheres passaram a ser aceitas pelo cangaço. Ainda sobre o cangaço e Maria Bonita, Wolff esclarece que

A cangaceira mais conhecida, especialmente por sua associação com o “rei do cangaço” foi Maria Bonita. Ela juntou-se ao bando de Lampião em 1929 e morreu em 1938, degolada pela polícia, como os outros membros do grupo. Não existem relatos de existência de cangaceiras antes de Maria Bonita, mas depois que Lampião incorporou sua companheira ao seu grupo, outras mulheres passaram a ser aceitas pelos cangaceiros. (WOLFF, 2012, p.436).

As mulheres cangaceiras, apesar de normalmente não participarem dos combates, também acabavam baleadas, pois estavam ativamente ao lado dos homens: cozinhando, costurando e cuidando dos doentes, conforme pondera Wolff (2012). Desse modo, Maria

Bonita é emblemática para a história da mulher no Brasil, pois seu nome é constantemente lembrado. Explorar imagens que a representam é uma forma de relacionar as mulheres do cangaço em seu contexto social, seus protagonismos e poder. Além disso, ao vincularmos as fotografias 2 e 3 podemos pensar o Sertão Nordestino no contexto das relações de gênero.

A próxima fotografia a ser analisada trata da posse de Getúlio Vargas. A imagem está inserida na abertura do capítulo “O fim da República Velha e a Era Vargas”. No LD, a fotografia está acompanhada da seguinte legenda: “Cerimônia realizada no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, em 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o governo do Brasil”. A ilustração denota que a esposa de Vargas ocupa um lugar na política como primeira-dama. Isso não significa o menor ou o maior engajamento da mulher em questão. Ela simplesmente existe para representar um perfil de sociedade patriarcal. Segundo Perrot (2003) na França, quando as mulheres conseguiram participar ativamente das organizações, suas falas e opiniões eram interpretadas de forma desrespeitosa.

A esposa de Vargas não está sendo nomeada na legenda. Na foto oficial, o presidente Getúlio Vargas está no centro, à sua direita está a esposa e à sua esquerda estão homens que seguram uma bandeira com os dizeres “24-10-930 Eis a paz! Entre nós salve 31-10-930”. Atrás da bandeira e do presidente há vários homens vestidos com trajes sociais. Vargas usa roupa oficial do Exército. As mulheres estão perfiladas à direita dos homens. A esposa de Vargas também está à direita dele, acompanhada por outras três mulheres. A esposa de Vargas parece ser a mais velha do pequeno grupo de mulheres.

As roupas delas são vestidos até a altura da perna, modelo solto no corpo, mangas longas e adornadas com detalhes em renda ou bordados. O vestido é discreto e esconde o corpo grande. As flores denotam pureza embora as expressões sejam sérias. Vemos ainda que ela usa um chapéu, carrega um buquê de flores, veste uma echarpe em cima dos ombros. As demais mulheres também têm cabelos curtos ou alinhados no chapéu. Uma delas segura uma couraça de raposa e ambas usam colares ao pescoço. Considerando que essas características remetem à elite brasileira da época, poderíamos levantar algumas questões geradoras de debates fecundos em aulas de história, tais como: A elite brasileira era machista? Esses traços são pertinentes à nossa sociedade atual? Em quais espaços? Ainda nesse contexto, é produtivo ressaltar que a atividade feminina na política é recente, pois esse mundo era exclusivamente masculino. Sabe-se que elas sempre estiveram lá, ao lado de seus

irmãos, filhos, maridos, fazendo seu papel de companheira, assim o masculino exerce a dominação simbólica.

Olga Benário Prestes foi esposa de Luiz Carlos Prestes e ambos eram ativistas políticos. Olga Benário era uma liderança do movimento comunista internacional quando foi destacada para acompanhar Prestes em seu retorno ao Brasil. No entanto, como veremos a seguir, a legenda da imagem reduziu-a a duas características apenas: um ser frágil e ao mesmo tempo angelical e diabólico. Essas últimas são características que remetem a frio ou quente, seco ou úmido e que Bourdieu (2012) categoriza como próprias do feminino. Analisada em seguida, representa Olga Benário Prestes.

Esta fotografia mostra uma imagem em preto e branco, de uma mulher em plano médio e que foi inserida no texto do LD, na parte inferior da página da direita, dentro de um quadro de destaque em cor azul. Trata-se de uma pequena foto de Olga Benário Prestes, mas o sobrenome do marido não aparece na descrição. O texto menciona que Olga e Prestes se apaixonaram e, durante o governo de Vargas, o casal foi capturado, ela extraditada e entregue à Gestapo por ser judia. A legenda ignora a importância da mulher, mas seu olhar é provocativo. Não há legenda na imagem, mas um texto sobre Olga Benário Prestes. Destaca-se somente o título “Olga Benário: idealismo, amor e tragédia”. (LD Nova História Crítica, 2004, p. 145).

Quais conceitos poderiam ser relacionados em aula de história, utilizando a imagem de Olga nessa fotografia? São vários. Entre eles: as diversas relações de Olga Benário Prestes, por ser judia; o fato de ter casado com um brasileiro no período quando Populismo e Fascismo andavam de mão dadas; o fato de ser comunista; e, por fim, o fato que mais agravava a situação, ser mulher. Os LDs mantêm esses espaços no esquecimento e silenciamento. Portanto, é oportuno que o/a professor/a fique atento/a a esses aspectos, trazendo ao público escolar sua história para promover o debate sobre o papel político das mulheres.

A imagem subsequente a ser analisada é uma fotografia em preto e branco que está inserida na página da esquerda do LD, na seção “Painel”. Trata-se da representação de mulheres e crianças judias. A fotografia se tornou a mais desafiadora das imagens analisadas, pois o sorriso das mulheres deixou muita curiosidade, suscitando diferentes hipóteses: Por que o sorriso? Sabiam elas o que as esperava no futuro iminente? Seria o primeiro contato

com uma máquina fotográfica? Seria uma foto encomendada pela política nazista? Essas são algumas entre tantas possibilidades para provocar o debate em sala de aula.

A cena se passa ao ar livre. As mulheres usam vestidos e véu na cabeça. Duas pessoas, uma mulher e um menino, usam a estrela de Davi no peito (símbolo que representava os judeus). Uma mulher segura sua filha no colo. Da mesma forma, as demais estão próximas às crianças. A análise parte da informação relativa a um grupo de oito mulheres e cinco crianças que, segundo a legenda, acabaram de chegar no campo de concentração de Auschwitz. Leia-se:

Mulheres e crianças judias chegam ao campo de Auschwitz, na Polônia. Estima-se que de 4 a 6 milhões de judeus morreram nos campos de concentração onde se recorria a procedimentos de eliminação em massa, como as câmaras de gás. Além de local de extermínio, os campos de concentração incluíam o trabalho forçado. Parte dos prisioneiros trabalhavam em regime de escravidão para empresas alemãs, entre elas: Siemens, Bayer, Daimler Chrysler, Krupp, IG-Farben, Volkswagen. Em Auschwitz, por exemplo, foi construído, nas proximidades do campo de concentração, um parque industrial da IG-Farben (indústria química), onde trabalhavam cerca de 20 mil prisioneiros. Também se tornavam prisioneiros desses locais os considerados inimigos políticos, principalmente os militantes da esquerda. (LD Vontade de Saber História, 2012, p. 42).

A legenda que acompanha a imagem no LD não menciona o trabalho feminino forçado, mas ele existia. Logo, para além do trabalho forçado, as mulheres cuidavam de filhos e filhas. Curiosamente, as expressões das pessoas são de calma. Uma delas (ao centro) expressa um tímido sorriso para o fotógrafo. A mulher da direita segura seus filhos e baixa o olhar na hora da foto.

A última imagem aqui estudada está inserida na página da direita do LD, na seção “Para conhecer mais”. Ela traz oito mulheres jovens e brancas que são telefonistas trabalhando no Rio de Janeiro. A cena se passa dentro de um estabelecimento não nomeado, em que sete mulheres fazem o trabalho de telefonistas e uma parece supervisionar o trabalho das demais. Todas estão com os cabelos presos em coque e usam uma espécie de fone de ouvido supra-auricular. As mulheres estão sentadas perfiladas, em cadeiras altas e com encosto. Possivelmente as cadeiras são de madeira. As mulheres usam longas saias escuras, meias brancas, camisas brancas e aventais. Na legenda da imagem diz que

nas primeiras décadas do século XX, já havia sinais evidentes da modernidade no país, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro [...]. No alto, telefonistas trabalhando no Rio de Janeiro, em foto da mesma década. (LD Vontade de Aprender História, 2012, p. 89).

Na realidade europeia sobre o trabalho feminino, segundo Perrot (1997), é comum, num período de crise financeira, a pequena burguesia pensar em associar-se ao trabalho das filhas, ao “progresso do terciário – ensino, banco, escritórios... – vai fornecer mercados aceitáveis” (PERROT, 1997, p. 101). Era uma forma de gerar renda e fazer com que as filhas saíssem do privado, mas por meio período, pois no restante do dia teriam outras obrigações no espaço do lar. Mais uma vez, “lembremo-nos de que se trata do trabalho assalariado. As mulheres sempre trabalharam, mas quem colocou um problema para elas foi o exercício de trabalhos assalariados, ofícios e profissões praticadas fora de casa” (PERROT, 1997, p. 99).

A questão salarial também renderia alguns parágrafos, mas não se vai prolongar a questão neste momento. Por enquanto, vale salientar que as mulheres tiveram um importante papel na sociedade, assim como os homens. Porém, suas histórias parecem silenciadas. Diante disso, utilizar imagens sobre o tema mulheres e guerras será significativo. Perrot esclarece:

Em tempos de guerra, os homens estão na frente de batalha, as mulheres na retaguarda. Fazem tarefas masculinas e, com isso, invadem espaços que antes não ocupavam. Durante a Grande Guerra, elas dirigem bondes ou táxis, entram nas usinas metalúrgicas onde, principalmente na Inglaterra, elas pouco trabalhavam, moldam obuses, ajustam peças, manejam o maçarico, às vezes com alegria. Essas “municionetes”, novas figuras da indústria, ajudam a modificá-la. (PERROT, 1997, p.93)

As mulheres sempre empreenderam ativamente na economia por meio do trabalho. A história por muito tempo negligenciou esse importante papel feminino na sociedade. As guerras foram importantes para o Feminismo, pois foi nesses períodos de crise que as mulheres se viram obrigadas a sair de casa, e os próprios homens assim concordaram, mas, quando o final dos conflitos chegou, a mulher precisou retomar seu papel no privado. Ela o fez, mas não da mesma maneira. A mulher que sai para o público não é mais a mesma que depois retorna para o privado. O fascismo do período entreguerras, atrelado ao discurso conservador da Igreja, reforçava a importância do papel da mulher como alicerce da família, ao mesmo tempo anulava sua importância como ser humano e político.

Conclusões preliminares

As fotografias são imagens e representações presentes em LDs que produzem concepções sobre o passado e que podem ser utilizadas em aula para tornar pública uma

história das mulheres que as restringem ao espaço doméstico e privado. As representações do feminino que escolhi para analisar aparecem acompanhadas por homens e crianças. Algumas imagens mostram grupos de mulheres, seja no trabalho, seja no lazer. Em outras, as mulheres acompanham o marido ou estão no centro da imagem em função de algum evento, como na fotografia 4, que retrata a posse de Getúlio Vargas. Mais uma vez, reforça-se que o nome da esposa de Vargas não é mencionado na legenda.

Os papéis femininos são muito claros nas imagens analisadas. Por um lado, as mulheres recebem características passivas, omissas e tolerantes. Por outro lado, seu corpo expressa a ideia de sedução e disponibilidade. Além disso, sua estatura é sempre menor em relação ao homem. Essas mulheres são adornadas com flores, lenços e bolsas, o que seria uma forma de conter seus passos e o movimento de suas mãos, legitimando através das flores e de expressões no diminutivo um papel de delicada e fraca. Estes aspectos podem ser problematizados em sala de aula, com os alunos, a partir também de suas experiências e representações do cotidiano.

Os LDs analisados apresentam muitas imagens e representações. Essas imagens mostram, em sua maioria, representações masculinas. Enquanto há homens importantes no centro da imagem, há mulheres fazendo referência a um produto de consumo ou estando à margem do processo histórico. Não há representações que viabilizem uma reflexão sobre as mulheres, levando-se em conta classe social e raça. É importante salientar o papel do/a professor/a que, através de uma prática pedagógica reflexiva e política, traga as questões de gênero e a história das mulheres para a sala de aula. A importância da mediação do/a professor/a na condução em sala de aula de análises críticas, contextualizadas e situadas se faz presente na relação com processos de identificação e percepção dos múltiplos papéis do feminino. O que se apresenta e o que não se apresenta nas imagens e representações das mulheres na primeira metade do século XX – o século em que o feminismo ganhou espaço, rompeu fronteiras, alcançou conquistas, mas as mulheres ainda sofrem, muitas vezes à margem das imagens e das narrativas históricas que são prestigiadas em nossas salas de aula.

Referências

- BARBOSA, C. A. S. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1990-1940)*. São Paulo, SP: Unesp, 2006.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

- BUENO, J. B. G. *Imagens visuais nos livros didáticos: permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000)*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- BURKE, P. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- CABRINI, C.; CATELLI JUNIOR, R.; MONTELLATO, A. *História Temática – 9º ano – o mundo dos cidadãos*. São Paulo: Scipione, 2010.
- CABRINI, C.; CATELLI JUNIOR, R.; MONTELLATO, A. *História Temática – 8º ano – terra e propriedade*. São Paulo: Scipione, 2010.
- CHARTIER, R. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.
- ESTACHESKI, D. T. *História das mulheres: entre a historiografia e livros didáticos*. In: SIMPÓSIO ELETRÔNICO INTERNACIONAL DE ENSINO DA HISTÓRIA, 2. 2016 [<http://simpohis2016.blogspot.com.br/p/dulceli-tonet.html> – acesso em 20 nov. 2020].
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- INSAURRIAGA, M. M.; JARDIM, R. B. Entre textos e imagens: ensino de história uma abordagem generificada dos livros didáticos dos anos noventa e dois mil do acervo do LEH/UFPEL. *Aedos*, UFRGS, 2015, pp. 112-130.
- LUCHESE, T. Â. Memórias e acervos familiares no ensino de história da Educação. In: ANPED SUL, n.11, 2016 [http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-1_TERCIANE-%C3%82NGELA-LUCHESE.pdf – acesso em 21 dez.2020].
- MÉNDEZ, N. P. Gênero e história das mulheres na escrita escolar. In: MAIOR, P. S.; LEITE, J. L. (org.). *Flexões de gênero: história, sensibilidades e narrativas*. Jundiaí, SP: Paco, 2017. pp. 193-211.
- MENESES, U. T. B. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 43-261.
- MUNAKATA, K. O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES (org.). *Ensino da história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: 2007. p. 137-145.
- PELEGRINI, M. C.; DIAS, A. M.; GRINBERG, K. *Vontade de saber história – 9º ano*. São Paulo: FTD, 2012.
- PELEGRINI, M. C.; DIAS, A. Machado; GRINBERG, K. *Vontade de saber história– 9º ano*. São Paulo: FTD, 2012.
- PERROT, M. *Mulheres públicas*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M. S.; SOIHET, R. (org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.
- RAMOS, A. F.; PATRIOTA, R.; PESAVENTO, S. J. *Imagens na história*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- RAMOS, Márcia Elisa Teté Ramos. Livro didático, currículo escolar e história pública: futuro do pretérito. *História & Ensino*, Londrina, v. 24, n.2, p.217-259, jul./dez. 2018.
- RÜSEN, Jörn. Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba, PR, UFPR: 2011.
- SATURNINO, E. L. Imagem, memória e educação: um estudo sobre os modos de ver e lembrar. Dissertação de Mestrado, Educação, UFRGS 2005.
- SCHMIDT, M. F. *Nova história crítica: ensino fundamental – 8ª série*. São Paulo: Nova Geração, 2004.

- SOARES, E. M. S.; LUCHESE, T. A. A sala de aula no presente-passado: dois olhares, uma reflexão. *Revista Intersaberes*, 2015.
[<https://revistas.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/893> – acesso em 21 dez 2020].
- SCOTT, J. Prefácio a Gender and Politics of history. *Pagu/Unicamp*, 1994, p. 11-27.
- VIANA, F. A prática docente e o uso da imagem: estudo de caso de um professor de História. Dissertação de Mestrado, Educação, UFP, 2013.
- WOLFF, C. C. S. Em armas amazonas, soldadas, sertanejas, guerreiras. In: PRINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). *Nova história das mulheres*. Contexto: São Paulo, 2012.
- XERRI, E. G. Diálogos possíveis: “você e o indígena brasileiro” nos Livros didáticos dos anos 1969, 1972, 1978 e no Telecurso. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Florianópolis. 2015.
[http://www.snh2015.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=2156. Acesso 10 jan. 2018].
- ZEN, A. C. Narrativas visuais do Brasil Oitocentista: um estudo sobre apropriação de imagens no cotidiano escolar Dissertação de Mestrado, Educação, UCS, 2013.
- ZEN, D. D. Mulheres sem rosto: imagens do feminino nos livros didáticos de história do ensino fundamental (2004–2012). Dissertação de Mestrado em História, UCS, 2019.